

## MULHERES TOXICODPENDENTES<sup>(1)</sup> O GÉNERO NA DESVIÂNCIA

SUSANA CARDOSO  
CELINA MANITA<sup>(2)</sup>

**RESUMO:** O estudo apresentado, partindo do referencial do Construcionismo Social, tem como principal propósito compreender os significados dos consumos para a mulher e o modo como os constrangimentos de género se espelham nesses significados.

Nesse sentido realizámos entrevistas a mulheres toxicodpendentes com vista a aceder às significações das suas trajectórias de consumo de heroína/cocaína, reflectindo o modo como a experiência de drogas se entrecruza com as diferentes áreas da vida. Desenvolvemos, então, um processo de análise de conteúdo, de acordo com os princípios da *grounded theory*, de dez “histórias de vida” de mulheres toxicodpendentes em fase de “saída” das drogas.

Entre outras conclusões, ressaltamos, para além da grande influência dos homens na trajectória de consumos da mulher, a emergência de significações existenciais alternativas para a mulher a partir da experiência vivida no “mundo das drogas”.

O estudo permitiu-nos, ainda, equacionar algumas pistas para a intervenção com mulheres toxicodpendentes.

**Palavras-chave:** Mulheres; Drogas; Estudo qualitativo; Histórias de vida; Trajectórias; Significações; Constrangimentos de género.

**RÉSUMÉ:** Cette étude, ayant comme référence le Constructivisme Social, a comme but principal comprendre les significations de l’abus pour la femme et la forme dont les contraintes du genre se réfléchissent dans ces significations.

Dans ce sens, ont a fait des entrevues aux femmes toxicomanes pour comprendre les significations de leur parcours de consommation d’héroïne/cocaïne, et que réfléchissent la façon comme l’expérience des drogues se croisent avec les différents domaines de vie. On a développé

un procès d’analyse du contenu, d’accord avec les principes de la *grounded theory*, de dix «histoires de vie» de femmes toxicomanes en phase de «sortie» des drogues.

Parmi d’autres conclusions, nous rehaussons, outre la grande influence des hommes dans le parcours de consommations de la femme, l’émergence de significations existentielles alternatives pour la femme à partir de l’expérience vécue dans le «monde des drogues».

L’étude nous a permis, encore, d’analyser quelques pistes pour intervenir auprès des femmes toxicomanes.

**Mots-clé:** Femmes; Drogues; Étude qualitative; Histoires de vie; Trajectories; Significations; Contrainte de genre.

**ABSTRACT:** This study adopts some of the perspectives offered by Social Constructivism in an effort to understand the meanings of drug abuse for women and the way gender constraints appear reflected on those same meanings.

Several female drug addicts were interviewed in order to identify the meanings of the trajectories of their use of heroin/cocaine, trying simultaneously to assess the way their experience with drugs affected the different domains of their lives. A process for content analysis was then developed, based on the principles of grounded theory, and it was used to study ten “life stories” of female drug addicts in the moment they were trying to quit the use of drugs.

Among other conclusions one comes out with a particular significance: besides the determining influence of men in the trajectories of drug abuse by those women, alternative existential meanings emerge out of the experience lived by women in the “world of drugs”.

This study also allows us to consider some possibilities for clinical intervention with female drug addicts.

**Key Words:** Women; Drugs; Qualitative study; Life stories; Trajectories; Meanings; Gender constraints.

*“en la adicción femenina pelea la amazona  
que va a la guerra con la princesa  
que espera que le prueben el zapato”*

**Coché Echarren, 2002**

## 1. INTRODUÇÃO

O que há de particular na relação das mulheres com as drogas que explique o reduzido número de mulheres, em comparação com os homens, que recorrem aos centros de tratamento e que se estimam a utilizar drogas? Foi sempre assim? Haverá mais mulheres consumidoras, mas ocultas? O conhecimento lacunar sobre as mulheres como pessoas toxicoddependentes e, conseqüentemente, a necessidade de o aprofundar constituiu-se como exigência do trabalho de investigação que realizámos.

Num primeiro momento, confrontámo-nos com a reduzida população de mulheres, em relação aos homens, a partir da nossa experiência como terapeutas num CAT (Centro de Atendimento a Toxicoddependentes), no contexto de tratamento da toxicoddependência. Num segundo momento, deparámo-nos com estatísticas francamente diferenciais: em 2001, 7,2% de mulheres, em contraponto com 82,8% de homens, recorreram a tratamento no SPTT<sup>(3)</sup> (Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicoddependência); 93% dos consumidores problemáticos são homens, de acordo com a «Estimativa da Prevalência e Padrões de Consumo Problemático de Drogas em Portugal» (Negreiros, 2002, cit. in Relatório Anual 2001/IPDT<sup>(4)</sup> – Instituto Português da Droga e da Toxicoddependência).

Paralelamente, no discurso do senso comum, era evidente a conotação diferencial da trajectória das mulheres nas drogas, em relação às dos homens, tais como: “as mulheres consomem em função dos homens”, “as mulheres são mais frágeis ou perturbadas” e, ainda, “as toxicoddependentes não podem ser boas mães”. Conotações que, para além do mais, demonstravam ter ressonância nos contextos técnicos de intervenção na toxicoddependência.

Na seqüência de algumas interrogações concluímos, ainda, que a literatura científica, tendo como objecto de estudo as mulheres toxicoddependentes, era parca, colocando uma ênfase sistemática nos temas da gravidez e da maternidade. O baixo número de mulheres toxicoddependentes comparado

com o dos homens, as significações atribuídas diferencialmente às mulheres utilizadoras de drogas e os estudos centrados no tema da maternidade, apontam incontornavelmente para significações das trajectórias de drogas ligadas ao género. Tornou-se para nós evidente o constrangimento de saber relativo à compreensão da mulher toxicoddependente. Desenvolvemos, então, uma investigação<sup>(5)</sup> no sentido de contribuir para o conhecimento das trajectórias de mulheres que usam e abusam de drogas, “apreciando” o modo como a mulher vive na relação com os companheiros, com os filhos, com a família e os amigos e, ainda, na relação com o trabalho.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“o conhecimento não é algo que existe na mente  
mas algo que é criado na interacção”*

**Kenneth Gergen, 1994**

Situando-nos na perspectiva do Construcionismo Social<sup>(6)</sup> na leitura do nosso objecto de estudo valorizamos, por um lado, a influência do “género” nas narrativas dominantes em que as pessoas são socializadas e, por outro lado, a necessidade da contextualização social e cultural da desviância e, em particular, da problemática do uso/abuso de drogas.

De acordo com a premissa de que o indivíduo é produtor da sua própria subjectividade enquanto actor social consideramos a importância das significações atribuídas pelas mulheres às suas trajectórias desviantes.

Consideramos que a abordagem narrativa da toxicoddependência (White e Epston, 1993), integrando o contributo da Teoria do Sujeito Autopoiético (Agra, 1991, 1993), permite aceder à fenomenologia própria da mulher toxicoddependente e, conseqüentemente, sustentar propostas de intervenção específicas no sentido da autoria de trajectórias alternativas de sentido, mais libertas dos constrangimentos de género e das drogas.

## 3. MULHERES E USO DE DROGAS

*“gender is one of the most powerful and dominant stories  
informing our personhood”*

**Parry & Doan, 1994**

### 3.1. Da conotação feminina ao estigma

No século XIX a prevalência do uso e abuso de drogas de homens e mulheres era, em termos comparativos, inversa aos dados epidemiológicos actuais. Havia, então, uma predominância de mulheres dependentes de opiáceos em relação ao número de homens (Keire, 1998; Aldrich, 1994; Young, 1994).

Em algumas zonas da América a prevalência de mulheres toxicodpendentes ter-se-á mantido até ao século XX (Courtwright, 1982, cit. in Aldrich, 1994), podendo dizer-se que até aos anos trinta havia uma conotação feminina do uso das drogas (Keire, 1998; Young, 1994; Henderson e Boyd, 1992). Ou seja, a “dependência”, “fraqueza” e “sofrimento”, com as quais o “abuso” de drogas era conotado socialmente, eram concordantes com o papel esperado para a mulher.

Com o reforço das leis anti-drogas, crescente ao longo do século, o número de mulheres ligadas ao mundo das drogas diminuiu, prevalecendo doravante os homens (Keire, 1998; Aldrich, 1994; Young, 1994).

No contexto proibicionista o uso e abuso de drogas dos homens é etiquetado e associado a marginalidade e a criminalidade. Em relação à mulher toxicodpendente acrescenta-se, desde então, o estigma da não conformidade à imagem de mulher socialmente prescrita (Pollock, 1998; Friedman e Alicea, 1995; Rosenbaum, 1981).

O estigma temido justificaria em parte a menor prevalência de condutas desviantes das mulheres. A visibilidade social do comportamento de utilização de drogas penaliza diferencialmente a mulher em relação aos homens, dado que o estilo de vida nas drogas não corresponde às expectativas de conformidade de género da mulher (Esteves, 1997). Ressalte-se que o estigma da mulher toxicodpendente se estrutura fundamentalmente em torno da presumível actividade de prostituição (Copeland, 1997; Rosenbaum e Murphy, 1990; Rosenbaum, 1981).

Coppel (1986) afirma que, não obstante o simbolismo das drogas em termos de “neutralização” das diferenças sexuais a partir dos anos 70 do século XX, a mulher evita a sua visibilidade social como utilizadora de drogas. A estigmatização social constitui, pois, um instrumento de controlo social de género eficaz, ao qual a mulher é submetida de modo informal e insidioso (Madriz, 1997).

Nas perspectivas hegemónicas de leitura da realidade, não apenas nos contextos terapêuticos como também na literatura científica, as mulheres toxicodpendentes são caracterizadas como mulheres “rebeldes” e com psicopatologia marcada, mesmo na ausência de estudos com populações específicas de mulheres.

Até aos anos 80, do século XX, foi manifesta a ausência de investigação com mulheres toxicodpendentes, ou seja, não havia compreensão sistemática e processual da experiência das mulheres no “mundo das drogas”. O conhecimento científico foi considerando, paulatinamente, as mulheres como objecto de estudo próprio, ainda que centrado essencialmente na gravidez da mulher toxicodpendente e nas especificidades do seu tratamento. Mantém-se praticamente ausente uma linha de investigação que procure focar a mulher toxicodpendente como pessoa, não apenas no papel de mãe.

Ressaltando o retrato inconsistente e parcelar do conhecimento sobre a mulher consumidora, surgem, nas últimas décadas, estudos baseados em metodologias que permitem o acesso à sua própria perspectiva sobre o significado das drogas. Trata-se de estudos que procuram compreender de forma mais complexa estas mulheres e que não se limitam a fazer espelho da ideologia dominante (Rosenbaum, 1981).

Ao nível dos contextos de tratamento, a menor procura da rede institucional de saúde, em relação aos homens, é explicável apenas em parte pelo diferencial da prevalência de consumos (Hedrich, 2000). Em primeiro lugar, as expectativas sociais em função do género não promovem a mobilização da mulher face ao seu próprio tratamento. Sendo socializada como cuidadora tende a preferir-se, dando prioridade aos outros, crianças ou companheiros, e a adiar o pedido de ajuda institucional (Esteves, 1997; Butler e Woods, 1992). Por outro lado, os preconceitos das equipas técnicas funcionam também como dissuasores da aproximação das mulheres às instituições. Muitas mulheres entrevistadas sobre as suas trajectórias relatam a vivência estigmatizante no contacto com aquelas, confirmando as imagens negativas, previamente temidas, que os técnicos assumem face a elas (Woods, 2002; Copeland, 1997; Wallace, 1995). A literatura destaca, ainda, como obstáculo ao tratamento das mulheres, a falta

de estruturas de apoio às crianças, não obstante os cuidados dos filhos serem, habitualmente, por elas assegurados (Woods, 2002; Pollock, 1998; Copeland, 1997). No relatório do Grupo Pampidou (Hedrich, 2000) é ressaltada a importância de conhecer as necessidades das mulheres de modo a elaborar modelos de tratamento que, efectivamente, se lhes adequem. Outros autores, corroborando este posicionamento, chamam a atenção para aspectos específicos das trajetórias das mulheres toxicodependentes, como sejam o abuso sexual e a violência doméstica, a perda de filhos, assim como o desenvolvimento de sentimentos de vergonha e culpa associados àquelas vivências (Esteves, 1997; Copeland, 1997; Wallace, 1995).

#### 4. ENTRE A INTERVENÇÃO DE SI E A PRIMAZIA DA SUBSTÂNCIA

*“o poder químico, actuando à solta, devora a diferença mesmo aquela que a própria desviância inventou”*

C. da Agra, 1997

As diferentes dimensões de poder, entre as quais o género, em que o indivíduo se inscreve são determinantes para a configuração e significação das trajetórias, desviantes ou não. Na carreira da mulher toxicodependente haverá mais ou menos invenção ou sujeição de si consoante o contexto das interações sociais em que está envolvida (Rosenbaum, 1981). A experiência vivenciada espelha certamente o papel da mulher na sociedade, e nas suas relações de poder. O jogo de género, entre a “ousadia” (invenção de si) e o “estigma” (sujeição de si), significados que ora se sucedem ora se cruzam, expressa-se ao longo da trajetória das mulheres toxicodependentes, ao nível das diferentes áreas de vida.

A utilização de drogas pela mulher, num primeira fase, faz emergir sentidos positivos, relacionados com o acesso a “sentidos existenciais” alternativos (Rosenbaum, 1981). No contacto com um estilo de vida ligado às drogas algumas mulheres encontram ao seu alcance alternativas de vida mais gratificantes do que na vida convencional, onde se sentiriam constrangidas e amarradas a expectativas de género rígidas (Friedman e Alicea, 1995; Rosenbaum, 1981). No mundo “fora da lei” e da “fast life”, paralelo ao da

ordem social dominante, as mulheres vêm irromper oportunidades de experimentar actividades e relações que, pela primeira vez, lhes proporcionam prazer, excitação e desafio. Neste contexto, sentem-se valorizadas enquanto pessoas pela efectiva expressão de si próprias e pela experiência de pertença na interacção social. Têm acesso a actividades desviantes, como a venda de drogas e a prostituição que, apesar de estigmatizadas no mundo convencional, lhes podem permitir sentir-se mais reconhecidas economicamente e reforçadas nos sonhos de ascensão social.

J. Friedman e M. Alicea (1995) afirmam que as drogas constituem para as mulheres, não só, um meio de resistência, como também assumem uma função libertadora face aos constrangimentos ligados ao género. As mulheres poder-se-iam “inventar” de um outro modo na trajetória desviante, ultrapassando as referências dominantes quanto ao ser mulher, esposa e mãe. Ou seja, assumindo um estilo de vida desviante permitir-se-iam contrariar o isolamento em casa e na família, envolver-se activamente na utilização de drogas, assumir diversas condutas ou atitudes como unisexuais, atrever-se em relações instrumentais com homens e até arriscar-se em actividades criminais, favorecendo o prazer pelo prazer, a capacidade económica própria e o prestígio social num “mundo de homens” (Rosenbaum, 1981; Friedman e Alicea, 1995; Taylor, 1998).

No entanto, ao longo da trajetória de uso de drogas, a par da dependência da substância, a busca de “transcendência” de si dissipa-se (Agra, 1997). Contrariamente à liberdade de alternativas que o início da trajetória desviante proporcionava, dissolvendo-se os papéis de homem e mulher, os constrangimentos de género redobram-se e a mulher vai perdendo voz, isto é, fica mais sujeita às determinações de outrém, seja da substância, do homem ou da reacção social. Aprecia-se uma “inversão” na carreira da mulher, mais acentuada do que na do homem toxicodependente, porque o desvio sublinha a estereotipia das expectativas de género e, por isso, as implicações na existência quotidiana da mulher que abusa de drogas são mais negativas (Rosenbaum, 1981; Friedman e Alicea, 1995). A ousadia de “invenção de si” representa custos elevados em termos de imagem social. As mulheres

desviantes são vistas como “sexualmente promíscuas” e sem “impulso materno”, em grande parte porque ultrapassam os limites estritos para as quais foram socializadas, e em particular pelo modo pouco feminino como utilizam o espaço público (Machado, 2000).

A progressiva “inundação” no mundo social das drogas confronta a mulher, em “final de carreira”, com as mais reduzidas opções de vida em “ambos os mundos”, pois “perde não só as suas opções profissionais, como também as suas opções ao nível das tradicionais “carreiras” de esposa e mãe” (Rosenbaum, 1981, p.136).

Em suma, se inicialmente o uso de drogas seria integrado pela mulher no sentido duma maior determinação de si, ao longo da sua trajectória, pelo contrário, as alternativas e sentidos existenciais estreitam-se e os constrangimentos ligados ao género vincam-se cada vez mais (Agra, 1997; Friedman e Alicea, 1995; Rosenbaum, 1981).

Assumem especial relevo neste jogo de significados, tal como já referimos, as áreas do “relacionamento com os homens”, da “relação com os filhos” e a “relação com a actividade económica”, sendo, portanto, objecto de desenvolvimento específico.

## 5. TRAJECTÓRIA DE CONSUMOS E RELACIONAMENTOS COM OS HOMENS

*“detrás de cada chica toxicómana hay una história de amor”*

Oriol Romani, 1985

A visão tradicional da mulher que, passivamente impelida pelo homem, se inicia nas drogas, na actividade criminal e na prostituição é questionada pelos relatos vividos das mulheres, a quem os estudos de cariz etnográfico dão voz (Taylor, 1998; Rosenbaum, 1981).

Apesar de ser constatada uma grande influência dos parceiros sexuais nas carreiras de consumos das mulheres, estes teriam, essencialmente, um papel de mediadores da socialização face ao mundo das drogas, familiarizando-as quer com a substância, quer com o contexto.

P. Bourgois (1995) constata nos seus trabalhos de terreno, que se está assistindo à conquista do espaço público, domínio simbólico do homem, pelas mulheres, sendo ultrapassadas as expectativas ligadas ao género e ao

respectivo estigma de não conformidade.

Rosenbaum (1981) releva, por outro lado, que muitas mulheres, nas suas trajectórias, estabelecem relações com homens “desviantes” para terem acesso a drogas, ou a dinheiro para o consumo, mas também para se catapultarem em termos de ascensão social e poder económico.

A dependência económica delas e a instrumentalização deles confundem-se, mas a dupla moral de género está sempre presente, sendo que a mulher é simultaneamente alvo e protagonista daquela. Até que ponto a mulher que se prostitui pode ser vista como tirando partido da “desigualdade” do modelo patriarcal, instrumentalizando assim os homens através da oferta de trabalho sexual<sup>(7)</sup>, de modo a satisfazer as suas necessidades pessoais? (Mulia, 2000; Phoenix, 2000).

Sendo certo que o cruzamento ao longo do trajecto de consumos de mulheres e homens é mais diverso e complexo do que “consumir com eles”, “por causa deles” e “à custa deles”, no final da carreira de drogas, contudo, o diferencial de poder no relacionamento com os homens torna-se evidente. À medida que a mulher vai perdendo a gestão dos consumos, perde também a possibilidade de experimentar o controlo que a relação instrumental com o homem de algum modo lhe oferecia. As regras que subjazem às interacções no mundo das drogas, nomeadamente entre homem e mulher, tornam-se claras. A interacção é dirigida pelo homem, companheiro, traficante ou chulo, havendo situações de abuso face à mulher, com ou sem agressão, de cariz sexual ou outro (Mulia, 2000; Miller, 1995; Bourgois, 1995). A mulher perde o domínio de si.

A desigualdade social entre homens e mulheres prolonga-se, ainda, para além do momento de “saída” através do estigma diferencial remanescente. O comportamento desviante passado da mulher é menos tolerado que o do homem, estando omnipresente no curso das interacções do seu novo trajecto: *«The man is seen as having temporarily transgressed, whereas the woman is defined as having permanently fallen»* (Rosenbaum, 1981, p.132).

Apesar da alteração do padrão de misoginia da rua, o território das drogas continua a ser do domínio do homem e a mulher a manter-se como objecto de violência (Mulia, 2000; Bourgois, 1995), reflectindo o modelo de desigualdade de poder em que o mundo social globalmente

está construído. É, ainda, de realçar que o risco de uma mulher ser vítima de violência aumenta quando se sobrepõe a situação de toxicoddependência e prostituição (Oliveira e Manita, 2002).

## 6. TRAJECTÓRIA DE CONSUMOS E RELAÇÃO COM OS FILHOS

*“women in this group had to navigate a precarious path between their efforts to reduce drug-related harms and their efforts to avoid persecution”*

Rosenbaum & Irwin, 1998

Vários estudos indicam que a mulher toxicoddependente não é necessariamente, devido a um qualquer défice inerente à estruturação da personalidade, incapaz de assumir o papel de mãe (Woods, 2000; Rosenbaum e Irwin, 1998; Taylor, 1998; Rosenbaum, 1997).

Apesar do dilema com que, muitas vezes, os técnicos se confrontam acerca da qualidade da relação mãe-filho, e das vantagens da manutenção desta relação, Margaret Woods (2000) afirma desejável uma atitude de confiança institucional na competência da mulher toxicoddependente como mãe, pois não só permite o acompanhamento médico e social mínimo das mães e bebés, como favorece a responsabilidade da mulher. O registo de suspeição e ameaça de retirada dos filhos, e sua efectiva penalização, contribui, pelo contrário, para a fuga ao pedido de ajuda institucional da mulher, ao colocar a mulher numa posição de objecto de censura social, favorecedora de mais culpabilidade e de menor competência no seu papel maternal (Woods, 2000; Rosenbaum e Irwin, 1998).

Ressalte-se, ainda, que para muitas mulheres a maternidade pode constituir a motivação principal para o tratamento e uma opção integradora no mundo “fora das drogas” (Woods, 2002; Rosenbaum, 1981). Não obstante, é de salientar a importância em não se estabelecer uma relação linear e equívoca entre maternidade e tratamento, dado o risco de insucesso a ambos os níveis ao reduzir o sentido existencial da mulher à função maternal prescrita socialmente (Woods, 2000). Note-se que estas são mulheres que, por via do percurso desviante tiveram acesso a experiências distintas das do mundo

convencional, cujo significado não pode ser escamoteado na promoção de trajectórias alternativas com sentido.

Na “saída” de drogas é necessário desenvolver intervenções complexas, que não descurem o cuidado com os bebés e as crianças, mas em que se procurem recursos e competências nas mulheres toxicoddependentes, e sua rede social, e se atenda, simultaneamente, à mulher nas diferentes áreas da sua vida.

## 7. TRAJECTÓRIA DE CONSUMOS E RELAÇÃO COM A ACTIVIDADE ECONÓMICA

*“many women would like to leave the heroin but are not interested in legitimate work which is considered low-paying routine, boring and too structured”*

Marsha Rosenbaum, 1981

As carreiras desviantes são activamente procuradas pelas mulheres em alternativa ao trabalho tradicional, já que a “vida de rua” proporciona oportunidades de proventos económicos mais vantajosos, promove a integração social e o prestígio entre a comunidade (Rosenbaum, 1981; Taylor, 1998).

Tal como na trajectória do homem, a participação activa da mulher no crime é frequente, tanto no tráfico como no furto (Hser, Anglin e Chou, 1992). Constitui, de facto, a principal “actividade económica” que permite às mulheres garantir o seu estilo de vida nas drogas (quer em relação à subsistência, quer ao consumo de drogas), enquanto que a prostituição surge como opção profissional preponderante das mulheres toxicoddependentes apenas na fase final do trajecto de “abuso” de drogas (Rosenbaum, 1981).

De um modo geral, o estilo de vida da mulher nas drogas, tal como o do homem, embora desviante, é organizado num quotidiano de actividade intensa, planeado em busca de dinheiro e/ou de drogas, de forma o menos perigosa e o mais responsável possível.

Contudo, as marcas deixadas pelas drogas são mais danosas para a imagem social da mulher toxicoddependente, dificultando-lhes a reintegração profissional à “saída” das drogas. Por um lado, pelo estigma relacionado com o trabalho sexual que se presume ter existido no passado. Por outro lado, porque as actividades que

tradicionalmente lhe são destinadas, como as de “relação de ajuda”, requerendo contacto social face a face, acentuam a importância da imagem.

Também ao nível profissional, a “saída” de drogas é vivida por muitas mulheres como “vazio” e perda de liberdade, seja pela constrição ao estilo de vida produtiva que o *mainstream* impõe, seja por remeter a mulher para actividades *low-sensation*, ditas femininas, em contraponto com a diversidade e intensidade da vida no “mundo de drogas” (Taylor, 1998; Rosenbaum, 1981).

## 8. ESTUDO EMPÍRICO

*“what it means to be a women in this arena?”*

**Marsha Rosenbaum, 1981**

O estudo qualitativo sobre as mulheres toxicodpendentes que apresentamos tem por base os seguintes objectivos de investigação:

- Conhecer a trajectória de uso e “abuso” de drogas das mulheres, nas diferentes áreas da vida, com ênfase nos seus relacionamentos com os homens;
- Conhecer os significados do consumo de drogas para as mulheres, ao longo das suas trajectórias, bem como a influência das narrativas ligadas ao género nesses significados;
- Enunciar ou esclarecer modos de intervenção especificamente relevantes para as mulheres toxicodpendentes, tendo em conta o conhecimento dos significados e a sua influência nas suas trajectórias de consumo.

De acordo com a perspectiva do conhecimento adoptada, interessa-nos o acesso à subjectividade da mulher toxicodpendente, ou seja, às experiências e respectivas significações do sujeito como actor social, no sentido de transcender o mais possível os constrangimentos socio-culturais do discurso (Rosenbaum, 1981). Pretendemos dar conta de “como é ser-se mulher nas drogas”, analisando o modo como os consumos se integram nas interacções sociais que a mulher desenvolve ao longo da sua trajectória – o que é que nas “histórias” das mulheres toxicodpendentes reflecte a construção social de género e o que é construído em termos de autoria, particularmente na relação como os companheiros. São mulheres que se

libertaram dos constrangimentos associados aos estereótipos de género ou são mulheres duplamente exploradas como mulheres e toxicodpendentes?

A natureza essencialmente fenomenológica do estudo, centrada nas experiências narradas pelas suas protagonista, adequa-se às especificidades do subgrupo das mulheres toxicodpendentes, que configura características duma “população oculta” (Fernandes, 1998). As “desviantes”, mercê das necessárias manobras de ocultação do estigma, são mais difíceis de localizar e menos acessíveis ao conhecimento. Ressalte-se, como já referimos, que o contexto sócio-cultural, proibicionista face às drogas e estigmatizante face ao desvio, é diferenciador em função do género, ou seja, a reactividade social dirigida às mulheres que utilizam drogas é mais acentuada.

Face ao objecto de estudo em causa e aos objectivos de investigação definidos optámos, efectivamente, por um estudo empírico de carácter indutivo e interpretativo com recurso a “histórias de vida”. A opção biográfica é assumida, também, com o propósito “político” de dar voz a *peessoas comuns* que, tal como ressalta Oriol Romani (1985), nunca tiveram oportunidade de relatar as suas experiências, pelo controlo social a que são sujeitas ou pela posição social que (não) ocupam.

As “histórias de vida” das mulheres toxicodpendentes foram recolhidas a partir de uma entrevista semi-estruturada, orientada com base num guião previamente elaborado<sup>(8)</sup>. À escolha das participantes presidiram critérios de significatividade, sendo constituída uma amostra de conveniência. Os critérios de selecção<sup>(9)</sup> das entrevistadas foram: a heroína constituir a principal droga de “abuso”, podendo coexistir a utilização de cocaína; a trajectória de consumos ser consistente no sentido em que há uma fase evidente de “abuso” de drogas.

Entrevistaram-se dez mulheres<sup>(10)</sup> com idades compreendidas entre os 19 e os 42 anos, estando 5 delas na faixa etária entre os 21 e os 30 anos. O nível de escolaridade situa-se entre os 4 e os 9 anos. São mulheres na sua maioria, de baixo estatuto sócio-económico, sendo sete trabalhadoras no activo (três operárias, três empregadas em comércio do ramo alimentar e uma empregada doméstica). Vivem com a família de origem cinco dessas mulheres (uma das quais com o filho) e as outras cinco com companheiros

(duas vivem com os filhos). Sete mulheres têm filhos: três coabitam com eles (e também com os companheiros e/ou a família de origem) enquanto os filhos de outras quatro mulheres vivem com os avós (num caso a criança está em regime de semi-internato numa instituição de educação). Para seis destas mulheres o “início” de consumo de “drogas duras” aconteceu na companhia de companheiro/namorado e para as restantes os consumos iniciaram-se com pares (amigos, amiga, irmão). O tempo de consumo/“abuso” varia entre 2 e 20 anos: para 8 mulheres o percurso é menor que os 10 anos e a maioria, seis utilizaram drogas durante um período menos do que seis anos. Todas as mulheres eram consumidoras regulares de heroína, associando a cocaína em algum momento do percurso: seis elegem a heroína como droga preferida enquanto quatro, não obstante o abuso de heroína referem uma preferência evidente pela cocaína. Actualmente (à data da entrevista), oito das entrevistadas mantêm-se em acompanhamento regular no CAT, o que pressupõe para todas elas a existência de suporte psicoterapêutico. Paralelamente, cinco mulheres fazem tratamento com medicação opiácea, três com medicação antagonista e duas não têm apoio farmacológico.

As entrevistas foram objecto duma análise de conteúdo de tipo categorial, tendo resultado do processo um sistema de categorias constituído por 14 categorias e 30 subcategorias<sup>(11)</sup>. A partir do sistema de categorias desenvolvemos um processo inferencial e de interpretação dos dados empíricos segundo sete eixos orientadores da leitura dos dados<sup>(12)</sup>. Analisamos ainda o conteúdo das entrevistas/entrevistadas em termos de “Posições de Significação Existencial e Transgressiva”<sup>(13)</sup> (Agra, 1991), segundo as três principais fases da trajectória de consumos (início, abuso, saída).

## 9. INTERPRETAÇÃO DE DADOS<sup>(14)</sup>

*“como se espelham os constrangimentos de género nas trajectórias de vida das mulheres que utilizam drogas”*

Susana Cardoso, 2004

### 9.1. O papel do género nas significações das drogas

O modo como o papel de género se entretece com os significados dos consumos, nas trajectórias das mulheres,

foi-se evidenciando ao longo do nosso trabalho de investigação. Globalmente, destacamos duas grandes conclusões. Em primeiro lugar, consolida-se a ideia da importância dos homens na socialização das mulheres com o “mundo das drogas”, sendo através das relações amorosas (no namoro ou no casamento) com homens toxicodpendentes que elas se “aproximam” das drogas e as experimentam. No entanto, torna-se também evidente um esbater de diferenças entre homens e mulheres quanto ao padrão de contacto com as drogas. Há relatos de mulheres que se afirmam face ao “mundo das drogas”, envolvendo-se em pleno com o jogo territorial em função das drogas, de rua em rua, de contacto em contacto, de espera em espera, jogando com as “regras dos homens”, desvanecendo a imagem-padrão da mulher “caseira”, que usa drogas de forma “envergonhada”, nos bastidores do “mundo das drogas” que os seus homens habitam.

A segunda conclusão genérica consolida a perspectiva de que a utilização de drogas constitui um acto de significação para a mulher, possibilitando-lhe, de diversos modos, afirmar-se sujeito da sua experiência. A experiência das drogas revela uma dimensão libertadora para a mulher, na medida em que lhe proporciona um alargamento de opções de vida, como que uma expansão existencial por contraponto aos constrangimentos do mundo convencional. Neste, as narrativas da existência configuram modos de ser, de pensar e de se comportar mais limitados, em particular para a mulher comum, “mulher de família e de trabalho”. No mundo social da droga, a mulher depara-se com significações alternativas nas diferentes áreas de relacionamento, com pares, com companheiros, face ao trabalho ou face à maternidade, para cada uma das fases da trajectória de consumos.

### 9.2. Para além deles

Na primeira fase de uso e abuso de drogas pela mulher constata-se a emergência de significados positivos da experiência das drogas na sua relação com o género:

- um novo modo de experimentar o espaço público, partilhando contextos marginais, nocturnos, de riscos vários, ou com eles conotados — uma das mulheres relatava-nos como, ao longo da sua trajectória de consumos, manteve um estilo de vida de risco, mas autónomo,

realizando actividades de pequeno tráfico, essencialmente à noite e quase só com homens, e como tirava partido do dia de um modo diferente, partilhando drogas com os/as amigos – “era um bom ambiente”, diz;

- a priorização do prazer para si própria, não apenas em função da experiência de consumo, mas também pela realização de si para além do registo doméstico, do papel de esposa e da maternidade, de acordo com as expectativas tradicionais – uma outra mulher descreve com satisfação um período da sua vida em que com o seu companheiro consome e trafica, fazendo uma vida, com ele e com a filha, não prisioneira dos papéis tradicionais de mulher-mãe-esposa;
- as mulheres, concretamente as que estão ligadas a actividades de tráfico; expressam vivências de aventura e desafio por contraponto à estabilidade e à rotina do trabalho convencional; quando as realizam de modo mais autónomo retiram da experiência um maior poder sobre os seus actos, colocando-se face aos homens como pares, tanto do ponto de vista relacional, como ao nível do equilíbrio financeiro – uma mulher refere-se ao período de vida em que o seu homem estava detido, ela traficava “para dentro” e partilhava a abundância de drogas com uma prima, como uma experiência positiva, de vivências múltiplas.

### 9.3. O jogo trágico<sup>(15)</sup>

Na fase de “abuso” de drogas confrontamo-nos com relatos de mulheres em que reemerge um sentido de heterodeterminação por via do poder da substância (Manita, Negreiros e Agra, 1997). Sentido esse que toma relevo ao nível das distintas áreas de vida da mulher, abafando o sentido de experiência e domínio de si anteriormente alcançados. Ou seja, à medida que a dependência das drogas se instala sem controlo, e se dá a perda de gestão do consumo, surgem significados experienciais de redobrada constrição do estilo de vida da mulher (só em parte sobreponíveis ao que acontece com os homens) que espelham estrangimentos de género em diferentes áreas de vida.

Na relação com a actividade económica, a mulher, mais do que nunca, vê-se estrangida:

- na realização das “tarefas duplas” – as mulheres, que coabitam com companheiro, descrevem a vida doméstica como “trabalho pesado”, dadas as dificuldades acrescidas

do estilo de vida nas drogas, referindo-se, por exemplo, à realização de algumas actividades aquando em síndrome de privação;

- nas actividades de prostituição – as mulheres, que exercem trabalho sexual, entregam o corpo ao “dispor” da substância, destituindo-o de domínio e de agência de si;
- na crescente dependência económica de outrém, família, companheiros ou chulos – as mulheres, mesmo aquelas que inicialmente denotavam um estilo de vida mais autónomo, vão-se confrontando com a diminuição da sua credibilidade face aos outros, perdendo diferenciação e autoria, nomeadamente em relação à família de origem.

Na relação com os homens, as mulheres, em particular sem aquelas que não são economicamente autónomas, tendem a ser objecto de violência física ou psicológica – a perda de poder sobre si, o seu corpo e a sua vida é notória. É a este nível que se situa a grande diferença nas trajectórias de homens e mulheres, em particular no culminar da carreira de abuso de drogas.

A perda do domínio de si traduz-se nos relatos das mulheres: quer no contexto das suas “relações íntimas” – “ele tornava-se mau quando não tinha droga, parecia outro, e obrigava-me a pedir dinheiro”, diz uma das mulheres; quer no registo de relações de “troca de sexo” por dinheiro ou droga – outra mulher diz que o companheiro a obrigava a ir trabalhar (trabalho sexual) quando ela estava a descansar e ele queria consumir. Em ambos os contextos de relacionamento, com companheiro ou com cliente, são relatadas experiências de violação.

Na relação com a maternidade, a heterodeterminação espelha-se no constante confronto da mulher com sentimentos de vergonha e culpa na assunção do seu papel de mãe, associados ao estigma social. O papel de mãe é fortemente condicionado: seja pelas expectativas sociais em relação à mulher toxicodpendente – alguns relatos denotam a pressão social e institucional no sentido da delegação da guarda dos filhos; seja pela dificuldade efectiva que a mulher tem em conciliar as rotinas das drogas com os cuidados dos filhos – as mulheres-mães admitem elas próprias que, muitas vezes, o seu quotidiano era comandado pela substância pondo em causa as rotinas associadas aos filhos.

#### 9.4. Invenção de si

Em relação à fase de “saída” das drogas, salienta-se a (re)construção de sentidos de determinação própria. As oportunidades de invenção de si que a mulher experimentara no mundo desviante projectam-se para além da “saída” das drogas, num futuro de trajectórias alternativas de sentido. A experiência de drogas como espaço de fuga aos constrangimentos de género prolonga-se, nos seus efeitos, para além da trajectória de consumos. A mulher sabe-se, desde então, sujeito da sua experiência.

O estigma é, porém, tema prevalectante nas histórias de vida das mulheres, nomeadamente na fase final da trajectória, constituindo-se simultaneamente como desencadeador de tratamento (estigma temido) ou como inibidor da reintegração no mundo convencional (marca inextinguível). Em alguns relatos o estigma constitui-se como obstáculo do processo de reautoria existencial da mulher a partir da experiência existencial passada, tal é a sua capacidade de anular o sentido da vivência das drogas.

### 10. ALGUMAS CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO COM MULHERES TOXICODPENDENTES

*“we come with our rich legacies of experiences and beliefs about world, the people we work with come with their own legacies wich are as rich, valid and legitimate as our own.”*

Nancy Moules, 2000

Valorizando a importância do sentido de autoria, que temos vindo a sustentar ao longo do trabalho, é essencial termos presente as significações, positivas ou negativas, convencionais ou alternativas, das trajectórias das mulheres toxicodpendentes, de modo a considerar algumas pistas de intervenção. Pistas de intervenção que enfatizem a possibilidade das mulheres “re-historiarem” a sua vida, de acordo com narrativas mais livres dos constrangimentos ligados ao “género” e às “drogas”.

De acordo com a premissa de não perpetuar a diferenciação das pessoas em função do género, a existência de instituições de tratamento diferenciais não é pertinente. Pelo contrário, as instituições exclusivas para mulheres tendem a fomentar a essencialização das diferenças. Ao dicotomizar e homogeneizar os grupos em

função do género está-se a denegar a existência de experiências de singularidade por parte de algumas mulheres, e de alguns homens, assim como a existência de estratégias próprias de resistência ao domínio que a narrativa de género exerce sobre as suas vidas. Ou seja, ao classificar as pessoas em funções das expectativas de género, como que anula a diversidade individual. Dessubjectiva-se a mulher, e o homem.

Assumindo esta posição não negamos, contudo, a importância de questões específicas ou idiossincráticas nas trajectórias das mulheres, que decorrem em grande parte da própria construção social da diferença, dominante nos contextos de socialização. Consideramos, pois, a importância de implementar intervenções *gender sensitive*, que supõem a diversificação de contextos terapêuticos nas instituições de tratamento de toxicodpendentes de modo a contemplar as especificidades dos seu utentes. Nesta perspectiva, seria oportuna a constituição de consultas específicas para grávidas, de grupos terapêuticos para mulheres com problemáticas comuns, como por exemplo, a violência doméstica ou o abuso sexual, paralelamente à criação de outras diversidades assistenciais não necessariamente em função do género da pessoa.

Assim, não sendo uma questão central esta da criação de instituições específicas de tratamento para mulheres toxicodpendentes, parece-nos essencial a formação de contextos terapêuticos, designadamente das equipas técnicas, direccionados para a desconstrução de restrições nas trajectórias das mulheres resultantes das narrativas de género.

De um modo geral, é necessário desafiar os constrangimentos ligados às construções de género, considerando especificamente as questões de marginalização e de opressão das mulheres na família, que limitam as capacidades individuais e relacionais (Dankoski e Deacon, 2000; Knudson-Martin e Mahoney, 1999).

Em particular, no entrecruzar das questões de género com as da desviância, há que dar atenção ao estigma social da mulher toxicodpendente que se traduz intensamente aos mais diversos níveis. Importa então ter presente alguns aspectos particulares das trajectórias das mulheres, que no nosso estudo se revelaram centrais, para compreender as virtualidades duma “terapia de reautoria” por contraponto

ao poder do género, da droga e do estigma que os liga:

**1.** A dominância de companheiros consumidores, com grande influência no seu quotidiano do consumo e na sua actividade desviante e pouca influência no que diz respeito ao apoio ao tratamento da mulher (Anglin, Hser, e Booth, 1987), está em contraponto com o que acontece na maioria das trajectórias dos homens, em que são as companheiras que sustentam a ligação quer ao mundo convencional, quer ao tratamento. Ou seja, a mulher toxicodependente tende a ter, ao seu lado, um companheiro que é toxicodependente e com quem está envolvida no consumo e em actividades económicas desviantes.

**2.** A existência de filhos, embora também constitua fonte de ansiedade, é um factor favorável ao empenho da mulher toxicodependente no tratamento (Anglin, Hser, e Booth, 1987). Note-se, assim, a relevância das instituições contemplarem estruturas de apoio às crianças, de modo a que as mulheres, responsáveis pelos cuidados dos filhos, mais facilmente possam recorrer a elas, por contraponto ao “terror interventivo” que, muitas vezes, subjaz à denúncia e à “retirada de crianças às mães” por serem toxicodependentes.

**3.** A importância de promover aspirações como mulher, pessoa singular, e não mulher-estereótipo. Para isso, é necessário desafiar as expectativas conservadoras dos técnicos que tendem a conformar a mulher ao papel de mãe e a actividades domésticas, face aos quais a mulher não se identifica necessariamente porque é mulher (Woods, 2000)

**4.** Em relação aos contextos de tratamento, importa organizar os serviços de modo a transcender as barreiras de acesso das mulheres ao tratamento, quer logísticas, quer relativas à equipa técnica (Copeland, 1997; Wallace, 1995). Muitas vezes, trata-se apenas do temor da mulher em ser identificada como toxicodependente e, como tal, estigmatizada (Baker, 2000). Salienta-se a importância da formação das equipas de modo a que possam reconhecer o estigma como marca indelével desfavorável à motivação para a mulher para tratamento.

Qualquer intervenção, a nível individual ou comunitário, em termos de prevenção ou de tratamento, deve ter em atenção às peculiaridades ligadas ao género, designadamente no sentido de não abafar a diferença que a

mulher (ou o homem), como pessoa, procura na sua existência. Não pretendemos preconizar qualquer protecção, mas sim fazer respeitar as significações que as mulheres revelaram, de “abertura” a trajectos mais autodeterminados. Presumimos, isso sim, que a pessoa existencialmente menos determinada por constrangimentos sociais (por exemplo, os ligados às narrativas de género) será mais capaz de criar alternativas de vida harmoniosas e de potenciar o desenvolvimento de (re)autorias.

### Contactos

Susana Cardoso  
Psicóloga Clínica  
CAT de Gaia  
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 140  
4400-175 Vila Nova de Gaia  
E-mail: msusana\_card@hotmail.com

Celina Manita  
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da  
Universidade do Porto  
Rua do Campo Alegre, 1055  
4150-180 Porto

### NOTAS

**(1)** Trabalho de investigação desenvolvido no âmbito Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na Área de Especialização em Comportamento Desviante/Toxicodpendências, sob Orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Celina Manita.

**(2)** Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; directora e psicóloga do GEAV (Gabinete de Estudos e Atendimento a Vítimas) da FPCE.UP.

**(3)** De acordo com a informação disponível no Relatório de Actividades 2001 do SPTT (cit. in Boletim Informações SPTT, 2002).

**(4)** Centro de Informação sobre a Droga e a Toxicodpendência/Núcleo de Estatística, 2002.

**(5)** Para o aprofundamento dos objectivos que norteiam a investigação confrontar Cardoso (2004).

**(6)** Cf. Cardoso (2004) quanto ao desenvolvimento teórico

sobre as questões do género e da toxicodependência de acordo com o referencial construcionista.

(7) Adoptamos a denominação de trabalho sexual proposta por Manita e Oliveira (2002), que é abrangente de actividades de cariz sexual ou erótico, não eminentemente prostitutivas.

(8) O guião da entrevista, e sua fundamentação, pode ser consultada em Cardoso (2004).

(9) Dadas as características do estudo, optou-se por excluir mulheres com incapacidade grave – situacional ou estrutural – em se exprimirem ou reflectirem sobre a sua experiência.

(10) Todas as mulheres entrevistadas (excepto uma) frequentam o Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) de Gaia, onde seguiam tratamento no momento em que foram entrevistadas (primeiro semestre de 2002).

(11) A listagem das categorias e subcategorias, e respectivas definições, encontra-se disponível em Cardoso (2004).

(12) O desenvolvimento das inferências, interpretações e integração empírico-teórico dos dados das entrevistas (Cardoso, 2004) constituirá objecto de um artigo específico.

(13) Cf. Cardoso (2004) sobre o processo de Classificação de PST's, sua fundamentação teórica e aplicação às trajetórias das mulheres toxicodependentes.

(14) As conclusões que apresentamos decorrem da integração dos resultados dos dois processos de análise do conteúdo das entrevistas utilizados no trabalho de investigação (Cardoso, 2004).

(15) Expressão adoptada a partir de Agra (1991).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agra, C. (1991). *Sujet autopoïétique et toxicodépendance*. Centre International de Criminologie Comparée. Canadá: Université de Montréal. (Tradução policopiada).
- Agra, C. (1993). *Dizer a droga ouvir as drogas*. Porto: Radicário.
- Agra, C. (1997). "A experiência Portuguesa: Programa de estudos e resultados". *Droga-Crime. Estudos Interdisciplinares. Vol. 1*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Aldrich, M. (1994). "Historical notes on women addicts". *The Journal of Psychoactive Drugs*, 26 (1): 61-64.
- Anglin, M., Hser, Y., & Booth, M. (1987). "Sex Differences in Addict Careers". *American Journal Of Drug and Alcohol Abuse*, 13 (3): 253-280.
- Baker, P. (2000). "I didn't know: Discoveries and identity transformation of women addicts in treatment". *Journal of Drug Issues*, 30 (4): 863-880.
- Bourgois, P. (1995). Redrawing the gender line on the street. In *In search of respect. Selling crack in El Barrio*. (pp. 213-258). Cambridge: University Press.
- Butler, S. & Woods, M. (1992). Drugs, HIV and Ireland: Responses to women in Dublin. In N. Dorn & N. S. S. Henderson (Eds.), *Women, Drugs and Social Care* (pp. 51-69). London: Falmer Press.
- Cardoso, S. (2004). *Mulheres toxicodependentes. Género e desviância*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Centro de Informação sobre a Droga e a Toxicodependência/Núcleo de Estatística (2002). *Relatório Anual 2001. A situação do país em matéria de Drogas e Toxicodependências*. (Vol. 1). Lisboa: IPDPT/Ministério da Saúde (198).
- Copeland, J. (1997). "A qualitative study of barriers to formal treatment among women who self-managed change in addictive behaviours". *Journal of Substance Abuse Treatment*, 14 (2): 183-190.
- Coppel, A. (1986). *Les femmes et les dépendances, une longue histoire*. In Actes du 8<sup>e</sup> Colloque Nationelles sur les Femmes et la Toxicomanie (21-29). Canada: Ontario.
- Dankoski, M. E., & Deacon, S., A. (2000). "Using a feminist lenses in contextual therapy". *Family Process*, 39 (1): 51-66.
- Echarren, C. (2002). *Enganchadas. Elas nunca dicen no*. Barcelona: Plaza & Janés Editores.
- Esteves, M. (1997). *Relações Perigosas. As companheiras dos dependentes de opiáceos: Contribuição para o seu estudo*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto.
- Fernandes, L. (1998). *O sítio das drogas*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Friedman, J., & Alicea, M. (1995). "Women and heroin. The path of resistance and its consequences". *Gender & Society*, 9: 432-449.
- Gabinete de Estudos e Planeamento do SPTT (2002). *Relatório de Actividades 2001*. Lisboa: SPTT/Ministério da Saúde.
- Gergen, K. (1994). *Realities and relationships*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Hedrich, D. (2000). "Problem drug use by women". *P-PG/Treatment*, (3): 1-44. Strasbourg: Pompidou Group.
- Henderson, D. & Boyd, C. (1992). Masculinity, femininity and addiction. In T. Mieczowski (Ed.), *Drugs, crime and social policy: Research, issues, and concern* (pp. 153-166). Boston: Allyn and Bacon.

- Hser, Y., Anglin, M. D. & Chou, C. (1992). Narcotics use and crime among addicted women: Longitudinal patterns and effects of social interventions. In T. Mieczowski (Ed.), *Drugs, crime and social policy: Research, issues, and concern* (pp. 197-221). Boston: Allyn and Bacon.
- Keire, M. (1998). "Dope fiends and degenerates: The gendering of addiction in the early twentieth century". *Journal of Social History*, 31 (4): 809-822.
- Knudson-Martin, C., & Mahoney, A. R. (1999). "Beyond different worlds: A "postgender" approach to relational development". *Family Process*, 38 (3): 325-340.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, imagens do "outro": Estudos sobre a insegurança urbana na cidade do Porto*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho.
- Madriz, E. (1997). *Nothing bad happens to good girls*. London: University of California Press.
- Manita, C., Negreiros, J. & Agra, C. (1997). "Planos existenciais, droga e crime". *Droga-Crime: Estudos Interdisciplinares, Vol. 9*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Manita, C. & Oliveira, A. (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Miller, J. (1995). "Gender and power on the streets". *Journal of Contemporary Ethnography*, 23 (4): 427-452.
- Moules, N. J. (2000). "Postmodernism and the sacred: Reclaiming connection in our greater-Than-human worlds". *Journal of Marital and Family Therapy*, 26 (2): 229-240.
- Mulia, N. (2000). "Questioning sex: Drug-using women and heterosexual relations". *Journal of Drug Issues*, 30 (4): 741-765.
- Oliveira, A. & Manita, C. (2002). Prostituição, violência e vitimação. In R. Gonçalves & C. Machado (Eds.), *Violência e vítimas de crime. Vol. I Adultos* (pp. 215-239). Coimbra: Quarteto.
- Parry, A. & Doan, R. (1994). *Story re-visions. Narrative therapy in the post modern world*. New York: The Guilford Press.
- Phoenix, J. (2000). "Prostitute identities". *British Journal of Criminologie*, 40: 37-55.
- Pollock, J. (1998). *Counseling women in prison*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Romani, O. (1985). *Dejar la heroína*. Madrid: Cruz Roja Española.
- Rosenbaum, M. (1981). *Women on Heroin*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Rosenbaum, M. (1997). Women: Research and policy. In P. R. J. Lowinson, R. Millman & J. Langrod (Eds.), *Substance abuse, a comprehensive textbook* (pp. 654-665). Baltimore, MD: Williams & Wilkins.
- Rosenbaum, M. & Irwin, K. (1998). Pregnancy, drugs and harm reduction. In C. Wetherington & A. Roman (Eds.), *Drug addiction research and the health of human* (pp. 309-318). Rockville, MD: NIDA.
- Rosenbaum, M. & Murphy, S. (1990). Women and addiction: Process, treatment and outcome. In NIDA (Ed.), *The collection and interpretation of data from hidden populations* (p. 120). Rockville.
- Taylor, A. (1998). "Needlework: The lifestyle of female drug injectors". *Journal of Drug Issues*, 28 (1): 77-90.
- Wallace, B. C. (1995). Women and minorities in treatment. In A. Washton (Ed.), *Psychotherapy and substance abuse. A practitioner's handbook*. (pp. 470-492). New York: The Guilford Press.
- White, M. & Epston, D. (1993). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Paidós.
- Woods, M. (2000). Women, drug use and parenting in Dublin: The views of professional workers in the drug treatment and social work fields. In A. U. Alfred Springer (Ed.), *Illicit drugs Patters of use- Patterns of response*. 10th Annual ESSD Conference on Drug Use and Drug Policy in Europe (pp. 275-289). Innsbruck: Studien Verlag.
- Woods, M. (2002). *No place to hide: Women Drug users and homelessness in Dublin*. Dublin. Aceite para publicação.
- Young, M. (1994). The police, gender and the culture of drug use and addiction. In Maryon McDonald (Ed.), *Gender, drink and drugs* (pp. 55-75). Oxford: Berg Publishers.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente*. Coimbra: Quarteto.
- Ribeiro, J. S. (2002). *Boletim Informações SPTT* (Vol. 38). Lisboa: Conselho de Administração do SPTT/Ministério da Saúde.